



## CARTOGRAFIA DO FOGO: UMA EXPERIÊNCIA NO QUILOMBO MATA CAVALO COM A FENOMENOLOGIA DE GASTON BACHELARD

Carlos Roberto Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** A considerar a fenomenologia de Gaston Bachelard, apropriamos da metodologia da Cartografia do Imaginário, para realizar a Cartografia do Fogo, elemento com o qual acendemos a chama de um Processo Formador. Trata-se de Prática Pedagógica num encontro de sinergias com professores, alunos e técnicos da Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda e demais moradores da Comunidade Mata Cavallo. O Processo partiu da necessidade de expandir o conceito que interliga, metodologicamente, a relação escola-comunidade, onde se presencia o valor do processo, e não dos resultados. Para tanto, apoiamos no PAEC – Projeto Ambiental Escolar Comunitário com o objetivo de investigar a maneira pela qual a Comunidade Quilombola comunica as mudanças e injustiças climáticas, por meio da arte. Contudo, a Cartografia do Imaginário, a Arte-educação e a Arte-educação-ambiental somam correlata significação metodológica, para que, “na transformação do fogo, na combustão da chama, encontremos a mudança desejada”. Essa investigação se insere num processo de busca, que transcende envolvimento em engajamento para um dedo de prosa, numa roda de conversa, fora da sala de aula, no terreiro do Quilombo. Longe de irmos ao encontro de resultados como um “produto”, fomos ao encontro da “praxiologia”, para aproximarmos de um mundo mais humanizado, mais consonante com a arte-educação-ambiental. Assim, pensamos numa educação transformadora, cujos pensamentos individuais, transcendam numa relação coletiva, algo em plena construção, na tentativa de encontrarmos aprendizagens para a escola, para a família e para a vida.

**Palavras-chave:** Cartografia do fogo. Cartografia do imaginário. Relato de experiência.

## FIRE CARTOGRAPHY: AN EXPERIENCE IN QUILOMBO MATA CAVALO WITH GASTON BACHELARD'S PHENOMENOLOGY

**Abstract:** When taking into account Gaston Bachelard's phenomenology, we appropriate of the Cartography of Imaginary methodology, to carry out Cartography of Fire, an element with which we light up the flame of a Training Process. It is about Pedagogical Practice in a synergy meeting with teachers, students and technicians from the Tereza Conceição de Arruda State School and other residents from the Mata Cavallo Community. The Process initiated with the idea of expanding the concept which interconnects, methodologically, school-community relationship, when one can see the value of the process rather than the results. Thus, underpinned by the PAEC – Environmental School Community Project we aimed to investigate the ways the Maroon Community communicates the climate changes and injustices through Arts. However, Cartography of Imaginary, Art-education and Environmental Art-education add correlate methodological significance, so that, “in the fire transformation, in the flame combustion, we find the desired change”. This investigation is set in a search process which transcends engagement in chatting circles, outside the classroom, in Quilombo yards. Far from

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor de Arte na Escola Estadual Professora Adalgisa de Barros na cidade de Várzea Grande - MT. Membro pesquisador do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) E-mail: [robertoferreira.cultura@gmail.com](mailto:robertoferreira.cultura@gmail.com)



going towards the results as a “product”, we went towards “praxeology”, to get closer to a more humanized world, more in line with environmental-art-education. Thus, we thought about a transformative education, whose individual thoughts transcend in a collective relationship, something in full construction, in an attempt to find learning processes for the school, family and life.

**Keywords:** Fire Cartography. Cartography of Imaginary. Experience Report.

## 1. Introdução

A Cartografia do Fogo é pensada em nosso Relato de Experiência, como elemento de aprendizagem, cuja força de uma chama sempre acesa, realizou um Processo Formador considerando os quatro elementos bachelardianos como substratos fenomenológicos de uma investigação. Professores, alunos e técnicos da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda e demais moradores da Comunidade Mata Cavalo, participaram dessa cartografia de aprendizagem por meio de Práticas Pedagógicas com a presença dos demais elementos: água, terra e ar. Assim, considerou-se, tanto a energia física independente, de cada elemento, quanto à relevante força coletiva de todos e, ainda, a intrínseca conjugação na opulenta forma com que cada elemento se relaciona entre si e com os demais, na natureza. Nesse Processo Formador, a arte teve papel importante junto à fenomenologia de Gaston Bachelard (2008) em eminente diálogo com a Cartografia do Imaginário (SATO, 2011), o que se pode presenciar uma relação de corpos intrinsecamente ligados em visibilizar as catástrofes ambientais, presentes na comunidade.

A Comunidade Quilombola Mata Cavalo pertence ao município de Nossa Senhora de Livramento - MT, distante aproximadamente 50 Km da capital mato-grossense, com acesso pela MT 060, rumo ao Pantanal. Uma Comunidade com aproximadamente 500 famílias que vivem da agricultura de subsistência.

Os trabalhos desta Prática Pedagógica fazem parte da continuidade do Processo Formador realizado na Escola Estadual Quilombola Professora Tereza Conceição de Arruda, na Comunidade Mata Cavalo, coordenado pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA, do qual somos pesquisadores participantes.

O Processo Formador, pensado pelo GPEA, vem sendo realizado na Comunidade Mata Cavalo, há aproximadamente, 12 anos. O processo efetiva-se por meio de Práticas Pedagógicas, junto às pesquisas científicas de mestrado e doutorado, da Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, do Programa de Pós-graduação em Educação da



Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Assim, atende com uma relação epistemológica e praxiológica junto ao currículo quilombola, com a Escola e a Comunidade de que tratamos.

A Cartografia do Fogo é parte intrínseca do Projeto de Pesquisa: *OIKOS QUILOMBOLA: Arte-educação-ambiental e a poética do pau a pique*, de autoria de Carlos Roberto Ferreira, sob a orientação da Profa. Dra. Michéle Sato.

A pesquisa citada cuidará de identificar os problemas que alertam para visibilizar as catástrofes ambientais junto a Casa da Cultura Quilombola, por meio da arte-educação-ambiental e da poética do pau a pique. Assim, pretende contribuir para mitigar as injustiças climáticas, no desejo de termos uma *Oikos*<sup>2</sup> Quilombola como espaço e ambiente topofílico (BACHELARD, 2008), junto à Comunidade.

## 2. Objetivos

Ao pensar e entender a Casa da Cultura Quilombola enquanto uma *Oikos* apraz compreendê-la como local da cotidianidade do Quilombo Mata Cavalo na dimensão da arte-educação-ambiental, presente na vida e na memória ancestral da comunidade. Mais ainda, considerar as teias fenomenológicas que se conectam a casa, na *Oikos*, que ligam cultura e natureza e vazam nos processos pedagógicos que aliam a dimensão climática com a dimensão social da escola. Com esse pensamento, nos colocamos a proceder com uma investigação científica, que revele por meio de um Processo Formador, a dimensão da vivência na Casa da Cultura Quilombola como projeto ambiental escolar comunitário. Nesse Processo Formador, pretendemos investigar a Casa da Cultura, na dimensão de uma *Oikos* e a sua relação com a arte-educação-ambiental. Uma relação que tanto pode se abrir como uma sala de aula à luz da construção de saberes populares, quanto de uma relação com o mundo científico. Nesse sentido, a poética do pau a pique possa nos revelar a presença de possíveis catástrofes físicas ambientais, advindas das mudanças climáticas locais. Tentar encontrar um sentido de Justiça Climática para uma *Oikos*, no seio de uma Comunidade Quilombola, situada numa região de cerrado, vizinha do Pantanal. Nessa viagem, será usada a imaginação, para permitir que a intuição também seja parceira na pesquisa, e que talvez, possamos realizar uma viagem que conta com vários meios de transporte. (SATO, 2011).

---

<sup>2</sup> *Oikos* é uma palavra de origem grega e que pode ser traduzida para o português como “casa”, “ambiente habitado” ou “família”. O termo *oikos* também é utilizado como um prefixo que dá a origem etimológica da palavra ecologia, em que *oikos* significa “casa” e *logos* que dizer “estudo”.



Contudo, em nossos objetivos gerais, pretendemos:

Compreender a Casa da Cultura – a *Oikos* Quilombola - como local da cotidianidade do quilombo na dimensão da arte-educação-ambiental e sua relação com a Educação. Considerar as teias que se conectam a casa, na *Oikos* que ligam cultura e natureza e vazam nos processos pedagógicos que aliam a dimensão climática com a dimensão social da escola. Proceder com uma investigação científica, que revele por meio de um Processo Formador, a dimensão da vivência da Casa da Cultura como projeto ambiental escolar comunitário.

E, nos objetivos específicos:

Investigar a Casa da Cultura Quilombola, na dimensão de uma *Oikos*, onde possa ser observada a sua relação com a Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda por meio de um Processo Formador;

Compreender de que maneira os quilombolas interpretam o fenômeno climático, que invisível, torna-se difícil de ser questionado. Como a escola dialoga com a educação ambiental, que busca alertar sobre tais desastres? Será possível compreender a poética do pau a pique, aliada ao clima?

Realizar Cartografias de Aprendizagens, por meio de Práticas Pedagógicas com o elemento FOGO, sob o pensamento bachelardiano para entender de que maneira esses elementos dialogam com a sustentabilidade da *Oikos*, numa relação fenomenológica com o cotidiano da Escola e da Comunidade.

### 3. Justificativa

A considerar as catástrofes e os desastres na natureza, sobretudo da vida humana e considerando a amplitude do tema da arte-educação-ambiental (SATO e PASSOS, 2009), associada ao conceito de arte-educação (BARBOSA, 1984), requer prudência conceitual e empírica nos diversos segmentos. Não se trata de aqui, justificar e ou pontuar conceitos imediatos, mas com possibilidades para receber interferências conceituais, significações epistemológicas e abordagens que possam contribuir com os caminhos científicos aqui tratados. Consideramos de grande relevância a Casa da Cultura Quilombola na Comunidade Mata Cavalão, como um espaço de um porvir sociocultural, ambiental e, sobretudo, por ter recuperado o conhecimento popular na arte e poética do pau a pique. Uma edificação que poderá ser investigada como elemento transformador para um estudo com fazeres e vivências pedagógicas que dialoguem, coletivamente, com uma pesquisa em Educação. Consideramos esta pesquisa,

**ANAIS DO I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO ARAGUAIA – Junho de 2019.**

Diálogos e Reflexões sobre Práticas Educativas e Pesquisas Acadêmicas na Educação Básica

REVISTA FACISA ON-LINE (ISSN 2238-8524) |

vol. 09 | n. 1 | p. 58-67 | Ed. Especial - 2020 | BARRA DO GARÇAS - MT





como uma possibilidade de recuperar outros pertencimentos, pois enfim, a pesquisa nos ajuda a cuidar do mundo (SATO, 2011). Enquanto objeto de pesquisa e investigação, contribuir sobremaneira com os atores que vivem e convivem na e com a Comunidade, na esperança de dar-lhes liberdade para as suas ações pedagógicas cotidianas, ou quem sabe, contribuir na formulação de uma pedagogia libertadora (FREIRE, 1987). “A liberdade que é uma conquista, e não uma doação exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz” (FREIRE, 1987, p. 18). Essa busca pode ter lugar nos espaços e rodas de conversas, onde se cercam de afazeres cotidianos, num eminente diálogo com a sua família e com os demais membros da comunidade, aprendendo e ensinando a viver em uma *Oikos-Casa*, numa *Oikos Quilombola*.

Partimos da necessidade de expandir o conceito que interliga a relação escola-comunidade, onde se presencia o valor do processo, e não dos resultados. Por isso a nossa relação com o PAEC – Projeto Ambiental Escolar Comunitário que nos traz um “campo teórico (epistemologia) associado a um campo prático (praxiologia), sem jamais esquecer as dimensões: ética e política” (axiologia), (BRASÍLIA, 2009, p. 13).

Ao que justificamos são as diversas carências existentes numa comunidade quilombola em situação de vulnerabilidade, que cobra audiência às suas causas mais orgânicas, aquelas que lhes sustentam a vida: na escola, na sociedade, na cultura, na política, no cotidiano. Nessa perspectiva, o GPEA atua como um interlocutor científico na tentativa de mitigar as injustiças ambientais. O Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte trabalha com tratados pedagógicos que lhes possam capacitar coletivamente, conservando não só o seu ambiente social na educação, mas a sua cultura e o seu pertencimento, o que manterá sempre acesa, a sua memória coletiva.

Os problemas são vários e diversos, dada a realidade de tantas carências intrínsecas à vida na escola, na comunidade, na lavoura e, sobretudo, na dimensão do espaço chamado território quilombola.

Assim, conjugamos com Gaston Bachelard (2008) o seu pensamento de ver e ter o fogo como o “ultravivo”, “íntimo e universal”. E por isso e talvez, “vive em nosso coração”. Talvez contribua para entender que, o fogo e o calor conjugam nossos domínios mais variados, nos remetendo a lembranças imperecíveis, carregadas de experiências pessoais simples, mas decisivas.

#### 4. Metodologia

ANAIS DO I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO ARAGUAIA – Junho de 2019.

Diálogos e Reflexões sobre Práticas Educativas e Pesquisas Acadêmicas na Educação Básica

REVISTA FACISA ON-LINE (ISSN 2238-8524) |

vol. 09 | n. 1 | p. 58-67 | Ed. Especial - 2020 | BARRA DO GARÇAS - MT



A Cartografia do Imaginário (SATO, 2011) se apresenta como uma das possibilidades metodológicas no diálogo com a comunidade quilombola e, mais ainda, dialogar com a Escola em seu Processo Formador, como uma referência para a construção de fazeres, a partir dos saberes ali guardados como relíquias de um bordado feitas à mão, num tear de árbitros.

Assim, a Cartografia do Imaginário, a Arte-educação e a Arte-educação-ambiental somam correlata significação metodológica, para que, “na transformação do fogo, na combustão da chama, encontremos a mudança desejada” (SATO, 2011, p. 6). Essa investigação se insere num processo de busca, que transcende envolvimento em engajamento para um dedo de prosa, numa roda de conversa, fora da sala de aula, na comunidade, no campo, no terreiro do Quilombo.

A realização da Cartografia do Fogo teve como participantes: professores, alunos, técnicos e membros da Comunidade, num fazer de ações, cujas atividades podem e devem ser ressignificadas nas salas de aulas e na comunidade, ampliando e desdobrando os objetivos deste trabalho. Dessa maneira, aproximamos de um diálogo com o currículo quilombola, na medida em que se pode contar com a participação de todos os grupos sociais da comunidade, o que nos assegurou de uma variada possibilidade de nos fazer entender, tanto no campo epistemológico, quanto praxiológico.

A experiência de que tratamos, começa com a ação das pedras sendo guardadas, uma a uma, em água aromatizada para que, submersas e irmanadas, aconteça entre elas, uma troca de energia e do calor interior. Esse princípio de sensibilização deu aos participantes, um sentido de apreço e convite à liberdade de agir e refletir sobre os elementos: água e a terra, presentes no cotidiano quilombola, protagonistas de desgastes climáticos, mudanças e de injustiças ambientais.

Como são muitos os conflitos no território quilombola, eles acabaram por imprimir em cada corpo, um sentimento de resistência, com relação ao fogo que sempre instiga cuidado e medo. Nesse cenário de conflitos, se fez presente o estado de vulnerabilidade sócio-ambiental, que se constitui elemento de denúncia da presença da injustiça climática, no território quilombola, quando da participação em algumas atividades.

Ao assistirem o vídeo de um show, com a canção: *Barco Negro* (1954), do escritor e poeta português, David Mourão-Ferreira (1927 – 1996), interpretada pela cantora angolana Marisa, as expressões corporais imprimiram nos presentes, outras sensações, indagações, curiosidades e estados de tensões, variados. A expressiva sonoridade da música, regada ao tom



do universo criador do instrumento de percussão do Bombo *Leguero*<sup>3</sup>, nos remeteu às rodas festivas de grupos populares da Argentina, país onde se originou tal instrumento. Sabemos que “o tambor é síntese criadora, união dos contrários” (DURAND, 2001, p. 335). O volume do som dos tambores, agregado à cor preta do figurino dos instrumentistas e ao vibrante e forte timbre vocal contralto da cantora, pode talvez, ter contribuído para reverberar nos presentes, o calor das fogueiras nas rodas populares. Os pensamentos e imagens sugeridos pelo vídeo-documentário reanimaram nos participantes, tanto a releitura do elemento fogo, quanto os seus benefícios à vida humana e ambiental da comunidade. Foi percebido que tais imagens rememoraram, no sentimento e na memória coletiva dos participantes, a presença do elemento fogo que devasta a vegetação por meio das queimadas no período das secas, incendeia moradias, destrói plantações e também, vidas humanas e não humanas.

Na “escrita” da Cartografia do Fogo, presenciou-se também, o calor humano em toda a sua extensão. Era nítido e sensível o acordo corporal emanado pelos e pelas participantes, quando das propostas e ações por meio da música, do teatro, da pintura, do desenho e da expressão corporal. Neste momento, todos e todas, espontaneamente, se ocuparam de uma cartografia coletiva, revelando zelo e prazer com a arte-educação-ambiental, mais que presente em suas vidas, conjugando outros verbos, aqueles ausentes dos nossos cadernos pedagógicos, mas presentes na memória da nossa herança cultural.

## 5. Referencial Teórico

Confessamos que, inspirar no universo da poética, sobretudo, na de Gaston Bachelard, é sempre um prazer; difícil aprumar as escritas quando se trata de teorizá-la. Tentamos construir um encontro de afeições epistemológicas com o que nos formulou Bachelard, em “Fragmentos de uma Poética do Fogo” (1990) e em “A Psicanálise do Fogo” (2008). Com Sato, em sua “Cartografia do Imaginário” (2011), o que se aproxima de uma sinergia entre os dois autores, quando se trata de uma poética a par da conjugação epistemológica dos quatro elementos: água, terra, fogo e ar, que nos sugere mais, uma dimensão praxiológica. Nesse sentido, é perceptível nos dois autores, uma força maior de um campo prático, sem deixar escapar a poética e sua

---

<sup>3</sup> Originário da Argentina, seu nome *leguero*, deve-se ao fato de que a sua sonoridade pode ser ouvida até duas léguas de distância. É um instrumento produzido a partir de um troco de árvore oco, geralmente corticeira, revestido com pele curtida de animais.



correspondente fenomenologia em permanente diálogo. Em Gilbert Duran (2001), encontramos um tratado que dialoga com a antropologia do imaginário, que consegue nos remeter ao apreço de um discurso para o universo coletivo, afeiçoando com as resistências quilombolas de Mata Cavalô, aflorada em uma Cartografia do Fogo. Nesse pensamento, a Cartografia do Fogo tem contribuição correlata de Ana Mae Barbosa (1985), quando nos esclarece que o processo do caminho tem mais virtude e florir que os “produtos” de um possível “resultado”. Nesse consenso, o Projeto Ambiental Escolar Comunitário – PAEC (2009), nos salva, reafirmando a interligação e expansão escola-comunidade, o que se conceitua a força de uma investigação em educação. Dessa maneira, acreditamos ter encontrado um caminho de “aceiros”<sup>4</sup> praxiológicos e de belezas epistemológicas que se pode colocar a escola e o quilombo na mesma trilha de afeições, junto à educação, à escola e à comunidade. E, “se ao que busco saber, nenhum de vós responde, por que me repetis, vem por aqui?”<sup>5</sup>

## 6. Considerações Finais

Ao acaso das participações tão naturais e verdadeiras, presenciamos expressões espontâneas, anotadas talvez como “respostas”, fazendo parte de um contexto mais que singular na vida humana e ambiental da comunidade quilombola. Aqui, revelaram para o tempo presente, novos e outros questionamentos, que outrora haviam ficado sem respostas.

Em todas as linguagens artísticas ali exploradas, as expressões evocavam: lutas, vitórias, conflitos, festanças, violência, pedido de respeito, a quebra de grilhões, o direito a terra e à vida. Estas manifestações, também ficaram expressas, no cortejo do fogo, onde todas e todos os participantes empunharam velas acesas para o alto, como que anunciando a “glória” pelos benefícios do fogo. Afinal, “o fogo comanda tanto as qualidades morais quanto as físicas. A sutileza de um homem provém de seu temperamento quente” (BACHELARD, 2008, p. 74).

Em sentido de apreço aos benefícios do fogo à vida, o cortejo foi finalizado com a ação das velas sendo apagadas, na sua maioria, pelo elemento água; talvez pela necessidade de expressar por meio desta ação, a importância da água para toda a comunidade. E ainda lembrar que, no seu cotidiano, realizam outro cortejo, aquele da “lata d’água na cabeça”, como procissão de fé, de reflexão e de resistência, pela ausência desse líquido tão precioso, em suas vidas. Mas

<sup>4</sup> Prática de limpeza em propriedades rurais, que consiste em retirar parte da vegetação verde ou seca junto às cercas, de ambos os lados, para se evitar, no tempo da seca, a propagação do fogo.

<sup>5</sup> Do poema “Cântico Negro” (1926), do poeta português, José Régio (1901 – 1969).





é também essa mesma água, agora aromatizada, de onde retiraram a “nova” pedra, a pedra “despetrificada” pelo processo de sua re-energização, que ali ficou submersa por todo o processo da Cartografia. A pedra da esperança e de um novo porvir, “lavada” pela espiritualidade da força da água e da própria terra, refletindo a energia de cada participante dentro da comunidade, dentro da sua cultura, inseridos em sua resistência político-social. De volta ao recipiente da água, cada participante, assim como as pedras, “mergulharam” em sentimento e sensibilidade, retirando agora, outra pedra, não mais a sua, mas a pedra do outro, que traz outra força, outro calor e energia, numa troca de pertencimento, de um território irmão. Agora, acreditando na possibilidade da comunhão entre as forças e lutas ancestrais com as forças e resistências do tempo presente. Parece-nos aqui que, a troca de energia praticada, ultrapassa os limites individuais, deixando transparecer uma relação indissociável, afetiva, coletiva e irmã entre todas e todos. Talvez nos sinalizando nessa comunhão que, aqui / ali no Quilombo, ninguém solta à mão de ninguém diante dos conflitos sociais. Conjugaram todos e todas, um fazer de diálogos com o interior e exterior da escola e de suas salas de aulas, apostando numa só Comunidade, numa relação de dentro para fora. Assim, num só espaço de comunhão, convivência, habitação, de credos, pertencimentos, saberes e fazeres, emprestando sentido para que todos convivam em uma única *Oikos* sociocultural – um espaço onde todas e todos habitam, construindo assim, o verdadeiro sentido de uma educação restauradora.

Ao deixar “em aberto”, os registros do Processo Formador, por meio da Prática Pedagógica da Cartografia do Fogo, entendemos que este elemento não se coloca na cena como protagonista, mas no pensamento coadjuvante, numa relação irmanada de processos e de forças cósmicas com os elementos da água, da terra e do ar. Nesse “consenso” de práticas e desejos cartográficos do Processo Formador, os participantes poderão estar nos afirmando que, juntos, foi possível também, conjugar um processo pedagógico, desenhado sócio-ambientalmente, pela metodologia da Cartografia do Imaginário (SATO, 2011). Assim, entendemos ter ficado registrado, para um breve futuro, uma pedagogia com possíveis caminhos para o encontro de Justiças, que possam cuidar do clima e de suas mudanças e injustiças climáticas ambientais. Ou ainda e também, entender o labirinto onde nos encontramos diante de tantas interrogações ao longo do processo da pesquisa, mas sem perder de vista, que podemos juntos, “reconstruir a condição humana em querer mudar a vida, reinventando a paixão”! (SATO, 2011, pg. 2).

## 7. Referências



BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Trad. Paulo Naves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2008, 169 p.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de uma Poética do Fogo**. S. t. São Paulo: Brasiliense, 1990, 143 p.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação, Conflitos e Acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984, 188 p.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arqueologia geral. Trad. Helder Godinho. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 551 p.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 157 p.

**Processo Formador em Educação Ambiental a Distância**: módulo 4: projeto ambiental escolar comunitário. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Comunitária, Alfabetização e Diversidade, 2009, 98 p.

SATO, Michèle. Cartografia do Imaginário no mundo da pesquisa. In: ABÍLIO, F. J. P. **Educação para o Seminário**. João Pessoa: Ed UFPB, 2011, ps. 539-569.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. Arte–Educação–Ambiental. **Ambiente & Educação**. v. 14, 2009, 18 p.